



Thiago Braga

THE MADCAP LAUGHS

Inspirado pelo álbum homônimo de SYD BARRETT



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

THE MADCAP LAUGHS

THIAGO BRAGA

uma história inspirada por

THE MADCAP LAUGHS

SYD BARRETT

SÃO PAULO, JULHO DE 2009

1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY THIAGO BRAGA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOOKS.COM.BR

THE MADCAP LAUGHS

THIAGO BRAGA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



THE MADCAP LAUGHS

SYD BARRETT

LANÇAMENTO: **1970**
SELO: **CAPITOL**

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Terrapin
2. No Good Trying
3. Love You
4. No Man's Land
5. Dark Globe
6. Here I Go
7. Octopus
8. Golden Hair
9. Long Gone
10. She Took A Long Cold Look
11. Feel
12. If It's In You
13. Late Night



THE MADCAP LAUGHS

THIAGO BRAGA

1.

Dia ruim, mais uma editora acabara de recusar um livro meu. Estava pensando seriamente em algum trabalho pra pagar meu aluguel, aquelas crônicas para jornais alternativos não estavam funcionando mais. Estava indo pra casa, e perdia meu tempo na parada de ônibus. Dia ruim, clima ruim, que irônico. Chuviscava, e todos estavam com seus guarda-chuvas e casacos. Nada mais digno de seres humanos: fechados.

Meu ônibus chegou. Peguei minha mochila e entrei. Era um longo caminho. Passei pela roleta e analisei os rostos: os mesmos. Não, espere. Havia um rosto diferente, sim, muito diferente. Cabelos loiros, lábios carnudos e olhos verdes. Nunca tinha a visto antes. Como seria o cheiro dela? Usava um casaco vermelho de algodão e tinha um pequeno sorriso na cara, como se tudo a sua volta lhe agradasse. Caminhei até o fundo do ônibus e sentei-me ao seu lado.

Algum tempo se passou, pelo visto ela também estava indo pro outro lado da cidade. Pensei em fazer um comentário, dizer alguma coisa. Li em algum canto que Hegel disse que quando a gente quer fazer alguma coisa e não a faz, tudo a nossa volta começa a nos pressionar para fazer aquilo. Eu definitivamente me sentia pressionado. Por que não?

— Dia chato, não?

Ela virou calmamente o rosto para mim e sem tirar aquele sorriso, disse-me:

— Pois é.

- Por que sorri?
- Por que faz bem, eu acho.
- Está funcionando?
- Não muito.
- Entendo, por isso nunca tentei, acho. Frederick.
- Isabele, prazer.
- Nunca a vi no ônibus antes, venho aqui todos os dias.
- Ah é? Trabalha aqui perto?
- Mais ou menos, tento trabalhar.
- Como assim?
- Sou escritor.
- Ah, sim, que interessante, eu mesma já tentei escrever.
- Ah é?
- Sim, algumas poesias, contos, sabe...
- Sim, sei.

Ela levantou-se e ainda com o sorriso:

— Escuta, aqui é minha parada.

Levantei-me e sorri de volta, com os cabelos me caindo na cara.

— A minha também.

— Mesmo? Então somos vizinhos, ou quase isso.

Descemos. Um silêncio sucedeu-se enquanto caminhávamos. Parecia que nos conhecíamos há muito tempo, que coisa engraçada. Resolvi quebrar aquele silêncio:

— É sim, eu moro logo ali passando a quinta.

— Ah, eu moro na esquina da sexta com a Vernon.

— Mesmo?

— Sim, é nova pelo bairro?

— Sim, sou, algum conselho?

— Mantenha-se longe da loja do Frank Bonatcho depois das 21h, dizem que é algo como uma clínica de aborto.

Ela deu uma risada e disse que estava tudo bem. Chegamos numa esquina em que ela ia para a esquerda e eu pra direita.

— Bem, é aqui que eu fico. — disse ela.

— Tudo bem, a gente se vê qualquer hora, não?

— Sim, claro! Por que você não vem me visitar? Estou livre o dia todo. Moro no 346.

— Ótimo, eu levo algo para comer.

— Não se esquite, só a sua presença já é o suficiente.

Dei uma risada e um beijo no seu rosto:

— Prazer, Is.

— Prazer, Fred.

Fui pra casa, larguei a mochila encima da mesa e me sentei no sofá a pensar no que acabara de acontecer comigo. Parece que os deuses estavam jogando bons dados pra mim naquele dia. Alguma coisa boa tinha de acontecer, sempre tinha. Então, Isabel. Achei que poderia ter um motivo para continuar. Esperava que sim. Com os cabelos me caindo na cara, sentei-me na frente da máquina. Estava feliz, ou quase feliz...

2.

E passaram-se dois dias desde aquele dia em que nos encontramos. Resolvi que já estava na hora de ir. Fiquei em dúvida se levava uma flor ou alguma coisa pra ela. Bem, não era da minha natureza, supostamente devia ser eu mesmo. Nunca fui muito bom com relacionamentos. Nunca tive muitos, também. Resolvi levar uma garrafa de vinho que estava na minha estante. Eu não tomava muito vinho, ia ficar sobrando ali. “Tomara que ela goste”, pensei.

Com os cabelos me caindo na cara, saí e fui caminhando até sua casa. Pouca coisa, apenas algumas quadras. Comecei a pensar na facilidade das coisas, talvez os deuses estivessem me ajudando ou talvez estivessem me fodendo. Pensei que estava sendo ajudado pelo menos daquela vez. Pensamento positivo não é a melhor invenção da raça humana, mas se fez milagres com as pessoas, quem sabe se fizesse comigo também.

Cheguei até sua casa, de tijolo à vista, com janelas brancas e uma soleira cinza. Subi um pequeno lance de três escadas e apertei a campainha. A porta abriu-se, ela estava atrás. Sorriu levemente, com os cabelos presos e os lábios carnudos. Estava de calça jeans, blusa rosa e meias.

— Opa. — disse, esboçando um sorriso.

— Olá, que bom que você veio.

— Ah é? Trouxe isso para você.

Estendi a mão e mostrei a garrafa de vinho. Ela olhou rapidamente e disse:

— Vá entrando, feche a porta, vou pegar duas taças.

— Tudo bem.

Entrei e fiquei analisando a sala. Paredes laranja, tapete de pele no chão. Parecia muito aconchegante. Comecei a imaginar nós dois deitados ali, e como seria bom uma coisa boa pra variar. Fui interrompido do pensamento pelos passos dela, ecoando pelo corredor. Chegou e serviu-nos vinho.

— Então, como você tá? — perguntou ela.

— Tô legal, e tu?

— Estou bem, ainda arrumando a casa, como pode ver. Conseguiu o emprego?

— Tá difícil, vou ter que apelar pros empregos que eu não gosto.

— Ah, que chato. Eu vi um jornal com uma crônica sua, acho.

— Ah é? Qual jornal?

— *Cidade Livre*.

— Sei, eu escrevo umas crônicas para alguns desses jornais de imprensa alternativa.

— Por quê? Você tem problemas com os outros?

— Não, acho que eles tem comigo, não gostam do que escrevo.

— Mesmo? Achei tão interessante seu texto.

— Que bom que alguém achou. — dei uma risada.

— Pare, aposto que você é bem lido.

— Olha, realmente não sei. Falar de mim é chato, me conte alguma coisa de você, moça.

Ela tomou um gole do seu vinho e pegou um cigarro.

— Se importa?

— Não, passa um.

Passou-me o cigarro, acendeu e começou a falar:

— Bem, eu venho de uma cidade mais do interior, as coisas eram sem graça lá. Não tinha muito pra se fazer e eu resolvi tocar minha vida. Com pensão, me mudei pra cá e comecei faculdade.

— Legal, faculdade de que?

— Artes visuais.

— Legal, legal mesmo.

As horas passaram-se rapidamente. Quando me dei conta, estávamos rindo e conversando abertamente sobre muitas coisas que eu talvez não conversaria com ninguém. Sentia-me levemente dormente, por causa da bebida, tomamos toda a garrafa. Ela parecia se sentir assim também.

— Vem, aqui, vou te mostrar meus trabalhos. — ela disse.

Levou-me para um quarto cheio de pinturas abstratas. Muito legal. Depois de um tempo, parei de prestar atenção enquanto ela falava, me sentia horrivelmente atraído. Aquele lance da pressão e do Hegel, saca? Ela falava com aquele sorriso tão bonito, que tinha até medo de beijá-la e tirar toda aquela pureza, daquela pele branca com cabelos loiros. Resolvi superar meus medos e com os cabelos me caindo na cara interrompi-a e disse:

— Escuta, tudo bem se eu te beijar?

Ela parou, olhou-me com o mesmo sorriso, abriu um pouco os olhos. Meu coração começou a bater forte, como se eu tivesse acabado de correr uma quadra para não perder o ônibus.

— Claro.

Senti-me aliviado como num orgasmo, e quase cego de vergonha e vontade reprimida me aproximei lentamente dela, pra não perder o romantismo da coisa, causar uma boa impressão, ou eu estava apaixonado mesmo, sei lá. Beijei-a. Estava tudo acabado, a pressão, a repressão, o medo. Agora eu parecia estar num orgasmo eterno. Que sensação maravilhosa, porra. Já estava escuro. Beijamo-nos e fomos para a cama. Deitamo-nos e ficamos a observar um ao outro. Acariciava-me os cabelos lentamente, com aquele sorriso. Beijei-a e nos agarramos. Não precisaria voltar para casa naquela noite...

3.

Acordei no outro dia, com um cheiro bom no meu peito e braços. Acho que era o perfume dela, aquele que senti aquele dia no ônibus. Era ótimo, ótimo mesmo. Olhei pro lado e a vi, com os olhos fechados, o cabelo ainda preso, séria. Dormia profundamente. Levantei-me e fui até o banheiro. Com os cabelos me caindo na cara, olhei para o espelho: parecia bem, parecia melhor do que muita gente, estava melhor do que muita gente, de fato. Entrei debaixo do chuveiro, queria sentir um pouco de água quente. Estava frio e eu sempre adorei tomar banho quente no frio. Entrei e fiquei pensando na minha sorte e nos deuses rolando os benditos dados ao meu favor. Até aquele momento estava tudo bem, achei que não havia motivo para eu me preocupar.

Saí do banho, me sequei com uma toalha que achei no banheiro. Vi um gato em cima da pia. Ele era escuro e me olhava, era gracioso. Estendi a mão para acariciá-lo. Senti seu pelo macio na palma da minha mão. Ela havia se levantado, vinha caminhando. Falei enquanto ela vinha, olhando para a porta:

— Bonito o seu gato.

— Mas eu não tenho um gato. — respondeu ela com espanto

De repente o gato e sua maciez haviam sumido, da mesma forma que haviam surgido. Olhei para a pia vazia por alguns instantes, meio espantado. Ela veio e escorou-se no vão da porta.

— O que você gosta de comer?

— Eu não sou chato, pode fazer qualquer coisa.

— Gosta de panquecas?

— Amo panquecas.

— Mesmo?

— Sim.

— Que bom! Minha especialidade, vou lá fazer, vem comigo, vamos conversar.

Fui com ela, olhei para trás e o gato estava sentado no corredor, me olhando. Não falei nada, apenas guardei pra mim.

Chegamos à cozinha, ela pegou tudo o que precisava e começou a fazer as panquecas. Eu vi um violão na parede.

— Você toca?

— Eu tento, e você?

— Tenho umas músicas.

— Toque pra mim?

— Claro.

Peguei o violão e toquei uma pequena canção que havia feito para a vista da janela do meu apartamento. Não era a minha melhor, mas ela parecia estar apreciando. Olhava-me e sorria, e eu a sorria de volta. O gato veio e começou a se esfregar na perna dela. Engraçado, ela não virou para ele. Parecia nem senti-la na verdade, muito estranho. Terminei a música, coloquei o violão na parede e quando olhei, o gato não estava mais ali.

Conversamos, demos boas risadas. As panquecas estavam realmente deliciosas. Parecíamos casados, parecíamos nos conhecer, era realmente

engraçado, nunca passei por isso com alguém. Estava realmente ótimo. Depois vimos um filme. Ela gostava um monte de filmes. Vimos um bem engraçado. O gato viu o filme ao meu lado, no chão. Fiquei intrigado pelo fato de ela não notar o gato.

Depois fui pra casa, ela insistiu para eu ficar, mas tinha de ir para dar um jeito e poder escrever, senão morreria de fome. Os meses que estavam para se suceder pareciam ser ótimos, ótimos...

4.

Entrei no quarto, era um sábado. Sábados são dias simplesmente mágicos, sempre tem sol, é engraçado, tinha sol e fazia frio. Segui pelo corredor e coloquei uma xícara de café no micro-ondas. Precisava escrever, senão ficaria sem dinheiro. Não tinha do que reclamar, ser escritor era melhor do que pedreiro ou arquiteto. O gato entrou pela cozinha me fitando. Nem liguei, se ninguém podia vê-lo, eu também não. Então dei “oi” para ele, depois de três meses convivendo com ele, desenvolvi uma relação, ele até falava.

Peguei o café e fui para o quarto, sentei-me à frente da máquina de escrever. Ok, estava na hora de tentar fazer mágica e tirar algum dinheiro dali. Escrevi três textos, um muito Bukowski, descartei, fiquei com os outros dois. Esses jornais eram um saco, se não dizia o que queriam, eles recusavam.

Peguei meu casaco e fui pra Isabele, tínhamos uma apresentação da sua oficina de pintura. Eu realmente adorava as pinturas de Is, tinha um quadro dela na minha sala. Até aquele ponto os deuses ainda rolavam bons dados pra mim, tudo estava indo perfeitamente bem. Segui pela rua, as mesmas poucas quadras que eu percorria a passos largos. Sentia saudades dela. Cheguei na soleira, peguei a chave embaixo do tapete e entrei. Ela parecia estar dormindo, tudo bem, eram dez da manhã. Entrei de fininho pelo corredor e fui até seu quarto. Tirei minhas roupas e deitei com ela. O gato me olhava.

— Tome cuidado — ele disse.

— Vá se foder: — respondi.

Adormeci. Fui acordado algumas horas depois por um beijo dela. Era incrível como ela estava sempre sorridente e plenamente feliz, pelo menos quando comigo. Era simplesmente mágico, eu não precisava mais da escrita, se eu pudesse ter uma musa daquelas.

— Bom dia, amigo.

— Opa, acho que estou na cama errada.

— Não vi você chegando.

— Tudo bem. Eu sou sorrateiro.

— Engraçadinho. Vou pegar algo pra comer:

Espreguei-me, contentado e olhei pra porta. Is era tão bela. “Tão tolo que eu era”, pensei, por estar apaixonado desse modo por uma mulher. Nunca me aconteceu isso antes, que engraçado. Nunca fui bom com relacionamentos, mas tudo parecia se encaixar tão bem, nos entendíamos como ninguém.

Ela voltou e se sentou na cama comigo. Conversamos bastante e comemos. Depois fizemos amor e estávamos fitando o teto quando descobrimos que era hora de ir pra apresentação da oficina. Estava realmente empolgado, durante estes três meses ela vinha fazendo segredo das suas pinturas pra mim. Realmente as apreciava, Is tinha talento, Is era perfeita, Is era minha, eu esperava.

Fomos caminhando para a exposição. O gato me acompanhava pelo outro lado da rua, me dizendo para ter cuidado, dizendo que as coisas mudariam em breve. Sentia vontade de mandar ele tomar no cu, mas não podia, Is poderia me achar louco. “Para quem você disse isso?”. “Para o gato”. “Que gato”. “Aquele”. “Aquele qual? Você está maluco?”. Sim, eu podia prever isso. Fiz o meu melhor pra ficar quieto e não me entregar. Não desta vez, não pra esta.

5.

A apresentação estava legal, os quadros mais legais ainda. O pessoal era um lixo. Tudo bem, não sou sociável, mas aquelas pessoas me deram vontade de vomitar, especialmente o líder da turma de Is, com aqueles cabelos loiros e lambidos, aquele jeito andrógino de ser, falsa homossexualidade que supostamente excitava mulheres. Ele andava de um lado para o outro com aquele terno azul, com risca de giz, olhando pros lados sorrindo e beijando a mão das madames. Senti vontade de vomitar depois de um tempo ali. Is conversava com sua turma enquanto eu ficava tomando uísque com os cabelos me caindo na cara, sozinho. Eis que me veio o grande líder da garotada, com aquela aparência escrota:

— Sua guria tem talento.

— É.

— Digo, talento mesmo. Ela pode ser alguém.

— É.

— Prazer, Dominic.

— É, sei seu nome.

— E você se chama?

— Frederick.

— Prazer, Fred. O que você faz?

— Escrevo.

— Encantador! Grandes escritores se parecem com você.

— Que diabos?

— Digo, o jeito, os trejeitos, tudo, você tem tudo de um escritor. Posso ver a metáfora nos seus olhos.

— Olha só, tô indo pra lá.

— Tudo bem, com certeza nos veremos de novo.

— Ou não.

Saí calmamente. Não merecia aquilo. Fui atrás de Is. Era realmente um azarado, preferia alces àquele cara. Encontrei-a. Fui apresentado aos seus colegas. Estes pareciam ser mais íntegros, menos idiotas. Conversamos por um tempo sobre os movimentos da literatura e pintura. Eu não era um gênio nisso. Não sou um gênio em nada, na realidade, mas sabia bastante do assunto, adorava aquele tipo de coisa.

Hora de ir para casa, enfim.

— Legal teu pessoal — disse para Is.

— É sim, falou com o Dom?

— É, infelizmente.

— Ele é que nem vinho.

— Ah é?

— Sim, depois de uma semana você nem nota os traços gays dele.

— Torço por isso, mesmo. Torço por não vê-lo de novo.

— Não seja radical.

— Sou realista.

Chegamos em casa e o gato me olhava. Olhei para ele com uma cara de

“tudo bem, você estava certo” mas ele continuava dizendo que eu ia me dar mal. Porra, o que podia me acontecer. Às vezes simplesmente desejava chutar esse gato, mas ser visto chutando o ar não era uma boa idéia. Assistimos televisão, um filme chato dos anos 50.

Era noite, o clima estava agradável. Abracei-me em Is e ficamos em silêncio, sentindo nossos corpos, transferindo calor um para o outro, uma tentativa bem sucedida de felicidade, até que enfim. Obrigado, deuses, mantenham estes dados. Com os cabelos me caindo na cara a beijei.

— Estou com fome. — disse ela.

— Verdade, eu também.

— Vem, tem panquecas.

Fomos comer panquecas. Droga, eu nunca me enjoaria daquilo ali. Abraços e panquecas. Eu podia passar minha vida comendo as panquecas da Is. Comemos as panquecas conversando. Eu não conversava com quase ninguém, só com Is e poucos outros, na maioria das vezes por obrigação. Com Is era gostoso, muito gostoso. Ela me acendia. Rimos muito naquela janta. “A última ceia, meu caro” disse o gato. É, claro. Tomamos um banho, fizemos amor e dormirmos, juntos, dormimos muito bem, muito bem mesmo. Fora um sábado quase perfeito...

6.

Era uma segunda-feira qualquer. Eu não tenho problemas com segundas-feiras, já que eu não trabalho, essa era uma das melhores partes da minha vida. Estava na casa da Is, mas precisava ir pra minha casa, nem lembro o porquê. Desci a rua, abri a porta e entrei, estava tudo no lugar. Na verdade pouca coisa havia saído do lugar desde que conheci a Is, já que agora praticamente morava lá, a confirmação disso é que havia levado meu computador pra lá, eu escrevia lá. Só usava minha casa para coisas que a Is não podia saber, afinal de contas, todos têm seus segredos.

Estava com fome, abri a geladeira e procurei algo dentro do prazo de validade. Sorte minha, achei um pacote de salsichas e pães na dispensa, ainda não estavam mofados, guardei-os num saco há umas duas semanas. Coloquei as salsichas para ferver enquanto cuidava do que tinha de cuidar.

Uma neblina enorme cercava a casa, entrando pelo quartinho e pela sala. Cerrei os olhos para poder olhar bem. Dizia pro gato, em cima da mesa “que merda, tá vendo essa neblina?” e ele me respondia “não.” Ótimo, até para um gato que ninguém via, exceto eu, eu era louco. De repente tudo ficou tão branco que eu não consegui ver nada, absolutamente nada. Não senti o chão, eu flutuava. Uma pluma, ou leve como uma, era assim que eu me sentia. Comecei a rir, entrei em um acesso de risos involuntário. Não sentia meus pés, estavam dormentes, eu estava entorpecido. Tentei ir flutuando para algum lugar,

descrevendo movimentos de natação no ar, mas eu não via nada, parecia estar engolido na neblina.

Olhei pra esquerda e vi uma fada que voava perto de mim. Ela foi se aproximando. Tentei dizer algo, mas eu não tinha mais boca. Sim, eu não possuía mais boca, havia apenas pele no lugar da minha boca e eu murmurava. “Mughhhhhh”. Então a fada chegou à minha frente e pegou um cassetete de policial. Ela sorria e eu gemia, presumindo que ela ia me acertar com o cassetete — e ela realmente o fez.

Acordei algum tempo depois, na minha cozinha. Será que desmaiei e tive um sonho? “Você viu isso?” perguntei para o gato. “Não”. “Oh, droga”. Continuei fazendo o que tinha de fazer, quando meu olfato foi assaltado por um cheiro gostoso de pipoca doce. Estranho, não sabia que meus vizinhos gostavam de pipoca doce. Não sabia que eles eram capazes de fazer pipoca doce. Oh, que cheiro bom. Começo a seguir o cheiro e paro na minha cozinha. As salsichas ainda estão no fogo, não há mais água, elas torraram, o cheiro vinha de lá. Joguei fora as salsichas e fui pra Is. Eram três da tarde, eu fiquei duas horas em casa e pareciam ter se passado apenas uns poucos minutos, sentia tudo muito estranho.

Ao sair o gato disse “Boa sorte e bom fim”. Presumi que era apenas mais um daqueles devaneios generalizados do meu querido gato imaginário apocalíptico de puro cunho mental e saí. Eram as mesmas quadras até a casa de Is, as mesmas.

7.

Saí pela rua, estava nublado, choviscando. Quantas vezes eu disse para vocês que eu simplesmente odeio este clima? Com os cabelos me caindo na cara segui pela mesma rua, sempre reto. Sempre reto. Caminhava devagar, me sentia exaurido, não sabia o que estava acontecendo. Era engraçado, eu havia acabara de acordar, estava de pé há umas três horas.

Peguei a chave embaixo do tapete e abri a porta. A sala continuava a mesma coisa, Is estava no quarto de cima. Eu estava fedendo, suei na minha rápida visita ao outro mundo, aquele todo branco, sabe? Fui pro banheiro e liguei o chuveiro. Deixei o box meio aberto. O gato surgiu.

— Você me segue?

— Eu só vejo você.

— E eu só vejo você.

Fitamos-nos por alguns momentos. Acho que comecei a entender o sentido daquele gato. Talvez devêssemos cuidar um do outro, mas nada do que ele me dizia parecia fazer sentido. Senti-me confuso enquanto a água molhava meus cabelos. Então disse para ele:

— Você não é tão chato.

— Cuidado, Frederick.

— Ó, tá vendo? Isso que te deixa chato, cara, deixa dessa.

— Estou lhe avisando, Frederick, prepare-se.

- Tá bom, o que está acontecendo... Qual é o seu nome?
- Nome?
- É.
- O que é nome?
- É como te chamam, sabe?
- Quem me chama?
- Ah é, só eu te chamo, tem isso, você tem alguma preferência de nome?
- Desculpe, não sei o que é um nome.
- Tudo bem, deixa. Enfim, qual é o propósito desse aviso?
- Eu quero lhe dizer que o fim está próximo.
- O fim do que, porra? Do que?!
- O fim.

Então ele saiu, pulou e se espremeu pela janela. Claro, entendi tudo, seu gato imbecil. “Devia chamar você de imbecil”, pensei. Terminei meu banho e me vesti com umas roupas minhas que guardava no armário da sala. Queria fazer uma surpresa pra Is, fui apenas de cuecas e camiseta. Peguei duas taças de vinho e subi. Não me imaginava sendo romântico assim, mas tudo bem, há vezes pra tudo.

Cheguei perto do quarto e ouvi barulhos estranhos. Barulhos muito estranhos. Is parecia sentir dor, parecia espernear por algo. Fui devagar, não queria assustá-la, poderia piorar as coisas. A porta estava entreaberta e cheguei vagarosamente. Olhei para o chão e vi uma coisa da qual me lembrei na hora. Sim, eu sabia onde havia visto aquilo. Era um paletó. Um paletó azul com risca de giz. Eu sabia onde havia visto aquilo. Onde? Então me veio pela cabeça.

A galeria, os *drinks*, a androgenia. Sim, tudo me vinha à cabeça. Era Domic, aquele veado! Is não sentia dor, mas sim prazer, e aquilo ME fez sentir DOR.

Chutei a porta e os dois pareceram nem se importar. Domic estava literalmente por cima. Is olhou rapidamente para mim, mas logo fechou os olhos, contraindo a face inteira em prazer. Fiquei observando a cena, atônito, não sabia o que fazer. Todo o meu amor, toda a sincronia, as panquecas, as músicas, tudo havia ido pro ralo. Não sobrara nada.

Dei as costas aos dois, não podia fazer nada agora. Fui pra casa e me sentei a pensar. O gato veio, subiu no sofá. Não disse nada, apenas continuava olhando para o chão, não sabia o que dizer ou o que fazer.

A noite veio e eu estava sentado no sofá, ainda, sem me mover, dizer algo, e o gato ao meu lado. O solitário escritor e seu animal favorito. O solitário escritor e mais uma de suas loucuras, ao seu lado. O GRANDE solitário escritor com seus GRANDES chifres e sua GRANDE ignorância.

De repente minha cabeça foi atingida por um lampejo. Eu sabia tudo o que fazer, sim, eu sabia perfeitamente.

8.

Era uma quarta-feira, apenas um dia normal. Comprei cinco refrigerantes: era sempre bom ter refrigerante em casa. Na rua estava nublado, mas não ia chover, seco demais. Estava bom, me sentia bem, nada de sujeira nem de odores. Ótimo. Paguei a mulher do caixa, que era horrível de feia, e fui para casa. Sentia-me bem de uma forma que não sabia explicar, havia muito tempo que não me sentia bem deste modo

Cheguei em casa e disse “oi”. Obviamente ninguém respondeu, como você pode imaginar. Comecei a descascar umas batatas. A casa estava limpa, o chão um pouco sujo, apenas. Estava afim de umas batatas fritas com ovo e arroz, meu prato favorito. Depois vinha panqueca, mas eu não ia comer mais panquecas por um bom tempo.

Coloquei um CD para tocar.

— O clima está horrível, né? Claro, está melhor quando tem sol e é frio, muito frio. Você me fazia umas panquecas e passávamos o resto do dia vendo televisão e trepando. Eu te dava banho e você me dava banho. Eu sempre ria da forma que você tentava lavar minhas partes baixas, você simplesmente não sabia.

Fiz uma pausa. O único som que se podia ouvir era o das batatas fritando.

— Então, desde aquela noite eu não saio mais com ninguém. Faz quanto tempo? Um mês, eu acho. Quase três. Vou dar uma checada nas batatas fritas.

As batatas estavam prontas. Coloquei o ovo para fritar e voltei para a sala, encostei-me na parede:

— Tenho que consertar um monte de coisas. O computador falhou de novo, estou escrevendo a mão. Você sabe como eu odeio isso, essa coisa primitiva. Além do mais, minha mão fica cansada. Pra me ajudar a luz do quarto estragou e tenho que escrever na mesa da sala. Essa mesa tira toda minha inspiração. Fiz uns contos, estão horríveis, é esse lugar, nem com música eu consegui. Olha só, vou te mostrar um brevíssimo que escrevi.

Li o conto.

— Horrível, né? Preciso consertar a porcaria da lâmpada e do computador, mas me falta tempo e vontade. A escrita que espere. Tudo bem, vou parar de te encher e ir comer.

Comi. Voltei e me sentei ao sofá. O grande escritor não podia viver sem seu gato, meu gato estava do meu lado, agora e sempre. Estava do meu lado como um irmão fica do lado do outro quando seus pais morrem.

A noite veio, comecei a sentir sono, não havia feito nada durante o dia todo, apenas apreciava o cheiro bom da minha casa. Aquele perfume. Fui até a parede da televisão e dei um beijo na cabeça de Is. Fui dormir. A cabeça de Is ficava tão bonita pregada na minha parede.

9.

Acordei no outro dia. Acordei radiante. O gato me olhava da ponta da cama. Desde aquele dia em que peguei Is e Dom, ele nunca mais pronunciara uma palavra, apenas me olhava, sempre. Eu o entendia e ele me entendia. Nossos olhares e corpos um do lado do outro já bastavam. Sentia-me bem por tê-lo e ter resolvido a história de Is, me sentia muito bem.

Fui ao banheiro. Sentei-me pra mijar. Fui tomar um banho. Tomei o banho cantarolando uma de minhas músicas. Não sentia saudade de Is, não sentia saudade da dor. Estava enfim livre. Sequei-me, vesti uma camiseta branca, calças jeans e meu sapato favorito. Fui pra sala. Automaticamente pronunciei um bom dia, mas ao olhar para o fundo da sala, na parede da televisão, a cabeça de Is não estava lá. NÃO ESTAVA LÁ.

ALGUÉM HAVIA ROUBADO A CABEÇA DE IS.

Eu mataria o desgraçado que fizesse isso. Olhei por todos os cantos da casa, embaixo da cama, atrás dos móveis, em nenhum lugar estava sua cabeça branca com os cabelos amarelados. O gato me olhava, sentado no sofá.

— Cara, me ajuda a achar a cabeça dela.

Ele ficou em silêncio.

— Porra! Me ajuda a achar a cabeça dela!

Então ele riu. Sim, o gato estava rindo, soltou uma risada de escárnio que raramente se vê. Uma, duas vezes na vida toda. Comecei a entender tudo. Saí

correndo pela rua, segui as mesmas quadras até a casa de Is, que agora pareciam gigantes. Quando cheguei lá, olhei para a janela um anúncio enorme:

VENDE-SE.

Vende-se?! Como assim vende-se?! Is morava aqui, com certeza. Espere, ainda havia uma chance. Corri para a oficina de Is, todos os quadros estariam ali, a exposição e tudo o mais. Cheguei lá, era um enorme galpão. As portas estavam emperradas. Peguei um pedaço de metal que achei no chão, forcei minha entrada. Não havia nada lá dentro além de barris enferrujados e aranhas. Barris enferrujados e aranhas. Então comecei a ligar os fatos na minha cabeça. A risada do gato, o desaparecimento de tudo. A traição de Is, a androgenia de Dom. Eu entendi o que havia acontecido. Senti-me mergulhado naquele oceano branco novamente, não podia me mexer.

O que você faria se de repente você descobrisse que aquilo que você amou por meses, por onze meses, depois de dedicar seu coração e tudo o que você tem simplesmente não existisse? Como você agiria? Querem saber o que fiz? Corri pra minha casa, pelo menos aquilo era real. O gato não estava mais lá. Fiquei consciente de que o gato não estava mais em lugar algum, estava certo disso. Precisava fazer alguma coisa.

Comecei a empacotar tudo o que eu tinha. Máquinas, roupas, painéis. Tudo foi devidamente guardado. Não, eu não ia me matar e deixar meus bens, suicídio nem passou pela minha cabeça. Com os cabelos me caindo na cara e um bom hálito de eucalipto saí para rua e chamei um táxi. “Pro metrô, cara, depressa”.

Cheguei no metro e comprei uma passagem para a cidade dos meus pais, foi a única coisa que pude pensar no momento.. Eu precisava fugir daquilo,

precisava fugir do gato.

Aquilo estava me consumindo, precisava fugir mais uma vez da minha cabeça, havia acontecido de novo... Desci do táxi. Parei, sentindo o vento bater no meu rosto e ponderei. Não, fugir não era o melhor, não havia sido como todas as outras. As outras sumiam em dias, até mesmo horas, e tudo o que me restava era uma pequena felicidade. Aquilo era mais que um simples caso de esquizofrenia, eu a amei. Senti aquilo como um soco na cara, uma facada por trás das costas. Finalmente todos os pensamentos haviam se colocado no lugar, o que não foi bom, não foi nada bom. De repente comecei a dar-me conta da traição. Eu permiti que eu mesmo me traísse. Um ódio misturado com ironia começou a correr no meu sangue. Eu me traí, Is me traiu. O que fazer? Estava arrasado. Senti-me impotente, da mesma forma que uma formiga se sentiria em frente a um humano. Completamente derrotado, caminhei a passos curtos para casa.

Chegando lá, sentei-me no sofá. Os pensamentos e o ódio tomaram-me novamente. Rebeleime-me, precisava liberar aquilo, precisava deixar tudo aquilo sair de mim, de alguma forma. Comecei pelo espelho, que se estilhaçou em pequenos pedaços, cada um refletindo um homem cada vez mais instintivamente humano, destruindo tudo, quebrando tudo, cada vez mais instintivamente traído. Era tudo tão injusto. A fúria dissipava-se com cada batida contra a parede, cada pedaço de madeira atingindo a parede violentamente. E à medida que nada a minha volta restava além de ruínas do que nunca foi um grande império, eu sentia-me melhor, curado.

De repente parei. Não senti mais vontade de nada, e até hoje aquela fúria

foi o último sentimento que tive antes de notar que estava sem Is pelo resto da minha vida. As pessoas loucas à minha volta não me incomodavam, tampouco guerras, monstros e mortes. Eu estava sem Is. Qual motivo eu tinha para viver? Nunca encontraria uma nova Is, nunca. O sofá, as madeiras, os estilhaços e o ar foram as testemunhas. Testemunhas do fim da alma e da sanidade de um homem, ou do que era para ser um homem e por algum motivo, saiu outra coisa, um ser tristonho e derrotado por natureza.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br